

Registros e Episódios

Os registros da Faculdade nos relatam dados informais, que são o resumo de uma história de 66 anos de atividade. Abri-
mos os livros e êles nos oferecem, em cada assentamento, a pos-
se de um dado curioso, como êste, por exemplo: a primeira alu-
na que se inscreveu no quadro discente do Instituto foi d. Ma-
ria de Lourdes Prata, que se graduou em 1927, paraninfada
pelo desembargador Rafael de Almeida Magalhães.

Mas a crônica viva da Escola está naquilo que nos conta a
testemunha atuante de 42 anos de sua atuação: o velho bedel e
Porteiro Samuel Caetano Júnior. Sua narrativa registra duas
faces frontalmente diversas da vida da Faculdade: no primeiro
vértice, a tragédia; no outro, a algazarra e a animação estu-
dantil, no mais justificável e elogiável sentido.

Ê êle quem nos conta que o único motim, de triste memória,
ocorreu logo após a revolução de 1930. O então Ministro Fran-
cisco Campos, de nome estreitamente ligado à Faculdade, bai-
xara portaria, eximindo da prestação de exames orais os uni-
versitários dos vários pontos do País que haviam sido atingi-
dos pelo movimento, com exceção dos de Minas Gerais, que
não foram prejudicados pelos acontecimentos.

Vários alunos de nossa Universidade, porém, cogitaram
de se beneficiar da medida, requerendo à Reitoria que ela a apli-
casse também aqui. Os que advogavam fôsse a providência
excepcional admitida também entre nós formavam um grupo
majoritário, a que se opunham, por coincidência, aquêles que,
nos últimos degraus dos cursos, seriam os definitivos beneficiá-
rios dela: os bacharelados que, unânimemente, declaravam não
pretender outros processos de habilitação que não o dos nossos
Estatutos e os estudantes do sexto ano de Medicina e os da úl-
tima série de Engenharia, que opinaram como os nossos.
Além dêsses, alguns outros moços do curso de direito se mani-
festaram, também, pelos exames sôbre matéria explicada.

O Reitor Mendes Pimentel sabia que, da nossa e de outras Escolas, havia numerosos estudantes que pleiteavam a promoção pelo índice de frequência. Mas, porque não acreditava que fôsse tal critério satisfatório aos interêsses do ensino, resolveu discutir, com as Congregações, a praticabilidade de averiguação da habilitação dos alunos, independentemente de outros exames e apenas pelas médias das arguições verificadas durante o ano. Para êsse fim, expedira às Congregações, inclusive à desta Faculdade — cuja direção êle acumulava com as funções de Reitor —, a seguinte consulta:

“A fim de habilitar o Conselho Universitário a se pronunciar sôbre a questão de exames de primeira época, que atualmente preocupa a Universidade, pareceu-me conveniente que V. Excia., em Congregação ou fora dela, reúna os dados necessários que bem esclareçam o assunto e que sejam oportunamente levados ao conhecimento do mesmo Conselho. Creio que não se cuida de promover mecanicamente ao ano ou série imediatamente superior o aluno, pelo só fato da verificação de sua matrícula na época regulamentar. O de que se pode cogitar é de examinar se é possível, na presente emergência, dispensar a apuração estatutária de habilitação — pelo exame — e substituí-la pelo critério da média de provas prestadas durante o ano letivo. A mera frequência, penso eu, não é índice seguro de aproveitamento. Convém, portanto, que, ouvidos os professôres, nos instruem êstes sôbre a praticabilidade, sem graves injustiças e sem desdouro do ensino na Universidade, da medida sugerida por docentes e discentes dos nossos e de outros institutos do País. As cadernetas de aulas devem facilitar êsse inquérito, pois delas, naturalmente, constarão os assentamentos em tempo tomados pelos professores. Rogo a V. Excia. providenciar, com urgência, a respeito”.

Entre nós, coube ao professor Estevão Pinto, então Vice-Diretor, emitir a opinião decisiva. Na reunião de 14 de novembro, aquêle eminente mestre reconhecia, perante a Congregação desta Escola, que “o critério do exame não é infalível e padece das contingências que inquinam todos os julgamentos humanos”. Contudo, não admitia a substituição do proces-

so, que era regulamentar, pelo das médias apuradas durante o ano letivo, porque, entre outras razões que expôs, “as classes são muitas numerosas e as aulas, três por semana, com os descontos dos feriados, não permitem o contato reiterado do professor com todos os seus alunos”, não sendo possível aos docentes “aplicar integralmente seu tempo no ensino, meio único de, conscientemente, pelas discussões com os rapazes e pelas repetidas provas de dissertação oral e escrita, ajuizarem da habilitação deles, independentemente de exames orais.” E concluía, com fundamento nas razões expostas: “o processo do exame, com os seus defeitos, deve ser mantido. Por honra desta Faculdade, a Congregação, de acôrdo com o modo de ver de seu Director, já conhecido, deve pronunciar-se em favor das provas estatutárias de verificação de preparo dos alunos matriculados”.

A proposta do professor Estevão Pinto foi aprovada, por unanimidade. Contudo, a incompreensão de muitos alunos manifestou-se, estouvadamente, contra a decisão, submetida ao *referendum* do Conselho Universitário. Na reunião dêsse órgão superior desenvolveu-se a tragédia, que o velho porteiro Samuel Caetano narra, como testemunha de vista:

— A sessão do Conselho era secreta, porém os alunos insistiram em que a entrada lhes fôsse franqueada. O Reitor consultou seus pares que, a essa altura, tinham convicção firmada a respeito do assunto: metade contra, metade a favor da pretensão dos alunos. Depois de agitados debates, foi permitido o ingresso dos estudantes ao salão de reunião, o mesmo do velho prédio da Escola, recentemente demolido. Fui encarregado pelo Reitor Mendes Pimentel de abrir a porta principal do prédio. E veio aquela enxurrada de estudantes, que quase me atropela, na ânsia de entrar na Faculdade. Quase todos armados de pedras e tijolos, lotaram o salão onde o Conselho debatia o problema.

Os conselheiros continuaram a discussão e, à medida que ela progredia, o grupo contrário à liberação das provas foi ganhando terreno, retirando adeptos da outra corrente. Os estudantes, sentido a derrota eminente, foram se exaltando. Começaram a apartear os oradores. A palavra lhes foi cassada. E os ânimos se exacerbaram. De repente, tiros soaram fora do

edifício, estabelecendo-se a algazarra. Deu-se o conflito, com o fato lamentável da morte de um estudante. Entrementes, outro grupo de estudantes invadiu um quartel, localizado onde hoje está o Cine Guaraní, arrebatando-lhe todos os fuzís e cercando o prédio da Faculdade, para onde começaram a atirar, desvairadamente. Um dêsse tiros quase me atingiu e só não o fêz porque ví, perfeitamente, quando um aluno apontou sua arma e a detonou. Agachei-me no momento próprio. A angústia durou horas e, lá fora e no páteo da Escola, estudantes exaltadísimos procuravam, por todos os meios, liquidar os membros do Conselho. Salvou-nos uma chuva fortíssima, que caiu sôbre a cidade e promoveu a debandada dos alunos. Foi quando a Polícia do então Presidente Olegário Maciel interveiu, dominou a situação e invadiu o Edifício da Escola, tendo à frente o Secretário de Segurança, dr. Cristiano Machado, que deu voz de prisão a todo o Conselho. A dois e dois, seus membros foram transportados para a Secretaria, sob acusação de participação nos movimentos que originaram a morte do estudante. A Faculdade foi interdita e ficou sob guarda policial. Foi quando os policiais promoveram um verdadeiro saque, revirando gavetas, espalhando processos e documentos administrativos, sujando tôdas as dependências do prédio. Autênticos atos de vandalismo foram por êles praticados, durante os dias em que aqui permaneceram. Vários e valiosos objetos desapareceram, entre êles uma caneta de ouro, cravejada de brilhantes”.

Mendes Pimentel — Reitor e Diretor — e Estevão Pinto, Vice-Diretor, renunciaram aos seus mandatos e às respectivas cátedras em 18 de novembro. Bastaram-lhes à decepção definitiva as cenas deprimentes de incompreensão e insânia.

A outra história refere-se às primeiras e ruidosas festas estudantis, de que se originaram as reuniões sociais que, hoje, movimentam os nossos clubes universitários. Samuel Caetano Júnior retorna à narrativa:

— “Houve, também, momentos de alegria e festas. E até bailes foram realizados no primeiro andar do velho edifício destruído. Quem patrocinou o primeiro dêles, em 1924, foi o então Presidente do Centro Acadêmico, estudante Francisco Negrão

de Lima, êste mesmo Ministro que, até outro dia, era o Prefeito do Distrito Federal. Negrão de Lima era adepto ardoroso de festas e, durante sua gestão, semanalmente a Escola promovia um baile, no qual as moças de Belo Horizonte vinham dançar tangos, valsas e mazurcas com os estudantes de direito. Não se serviam bebidas alcoólicas, mas apenas gasosas e outros refrigerantes”.

— “Um companheiro inseparável de Francisco Negrão era um moço fagueiro, também amante de festas: o atual deputado Gabriel Passos. Lembro-me, ainda, do acadêmico Gustavo Capanema, que trazia sempre aos bailes sua namorada. E, também, de um rapaz que não perdia ensêjo de “deitar falação”: Abgar Renault. Não me esqueço das complicações rotineiras provocadas, entre 1928 e 1929, por dois moços: Fáblio Andrada, filho do velho Antônio Carlos, e Bilac Pinto, o deputado de hoje que, ontem, não repudiava briga de qualquer espécie. Enfim, tivemos grandes festas e grandes algazarras, que só a mim traziam enorme prejuízo: no final de umas e outras, cabia-me recolocar as salas em ordem para, na manhã seguinte, podermos receber os alunos para as aulas normais”.

— “Mas houve, também, turmas tranquilas e sossegadas. Uma delas foi a de 1922, liderada por dois nomes muito conhecidos: Milton Campos e Pedro Aleixo. Dessa fase lembro-me, apenas, de um detalhe interessante: a reação do Centro Acadêmico, presidido por Pedro Aleixo, contra a candidatura Bernardes, por volta de 1921-1922”..

Samuel Caetano Júnior conta, assim, a história viva da Faculdade, guardando de cada aluno uma recordação e de cada episódio uma lembrança. Em cada lance dessas memórias há um pedaço da existência da própria Escola e da vida de grandes homens públicos, que conduziram e conduzem as rédeas do País, neste meio século.